

Kosovo, um elo militar para o século XXI

*Antonio Carlos C. Fraquelli**

O século XX foi um período de profusão de conflitos bélicos. A guerra representou a destruição da raiz e a propagação do ódio, o viés da harmonia e o reinado da maldade, a morte da benevolência e a sanção da ignorância, o fim da esperança e o altar do medo.

Mesmo com todos esses atributos, a guerra deu a imagem, a cor, a nitidez e o contraste do século XX: a figura desenhada em preto e branco, desmaiada e distorcida, fixou as bases de um rumo acidentado e sem objetivos elevados a perseguir. O fio condutor do mote implicou a presença de armamentos produzidos contra o futuro, comprometido a partir da vontade do vencedor.

Os vencidos notabilizaram-se por absorverem as causas dos males, ao levarem consigo o encargo do vício, no cerne que banhou a fonte da crença. Os percalços que enlaçaram o germe do horror evidenciaram o grau de atraso da noite que iniciou; a madrugada prosseguiu em volta da lágrima, cortando com força o semblante inóspito; por último, foi o alvorecer que surgiu, envolto na luz dos mísseis atingindo os alvos, na dispersão da angústia e na carência dos sonhos, recolhendo natimortos deixados à beira do berço da vida para recondicioná-los à roda do sonho da volta.

Onde estão as alegrias de ontem? Foram-se nos escaninhos do labirinto da vaidade que tolheu o impulso torpe. Cadê o sorriso do pequeno travesso que corria nos Balcãs? Foi-se nas luzes que cruzaram a noite, ao espoucar das bombas que amedrontaram os inocentes aflitos.

Mais uma geração ficou marcada pelo temido escurecer, fruto da incompetência das lideranças políticas e dos interesses menores daqueles que exercem o poder econômico e lidam com a magia do *marketing* na ordem mundial. Outro século que se esvaiu nas entranhas do tempo, afastando a esperança de quantos a buscavam e impregnando de ódio o livro da vida, aquele da memória

* Economista, Técnico da FEE.

dos que ficaram com a certeza de que a solidariedade inexistirá enquanto o ser humano permanecer à margem da História.

O Kosovo é um elo nesse encadeamento de fatos que surge lá, bem distante, onde o horizonte tomou forma e que prossegue para cá, para o lado em que a humanidade desvenda a convivência com o fascínio, com o desconhecido próximo milênio.

As armas ou a negociação

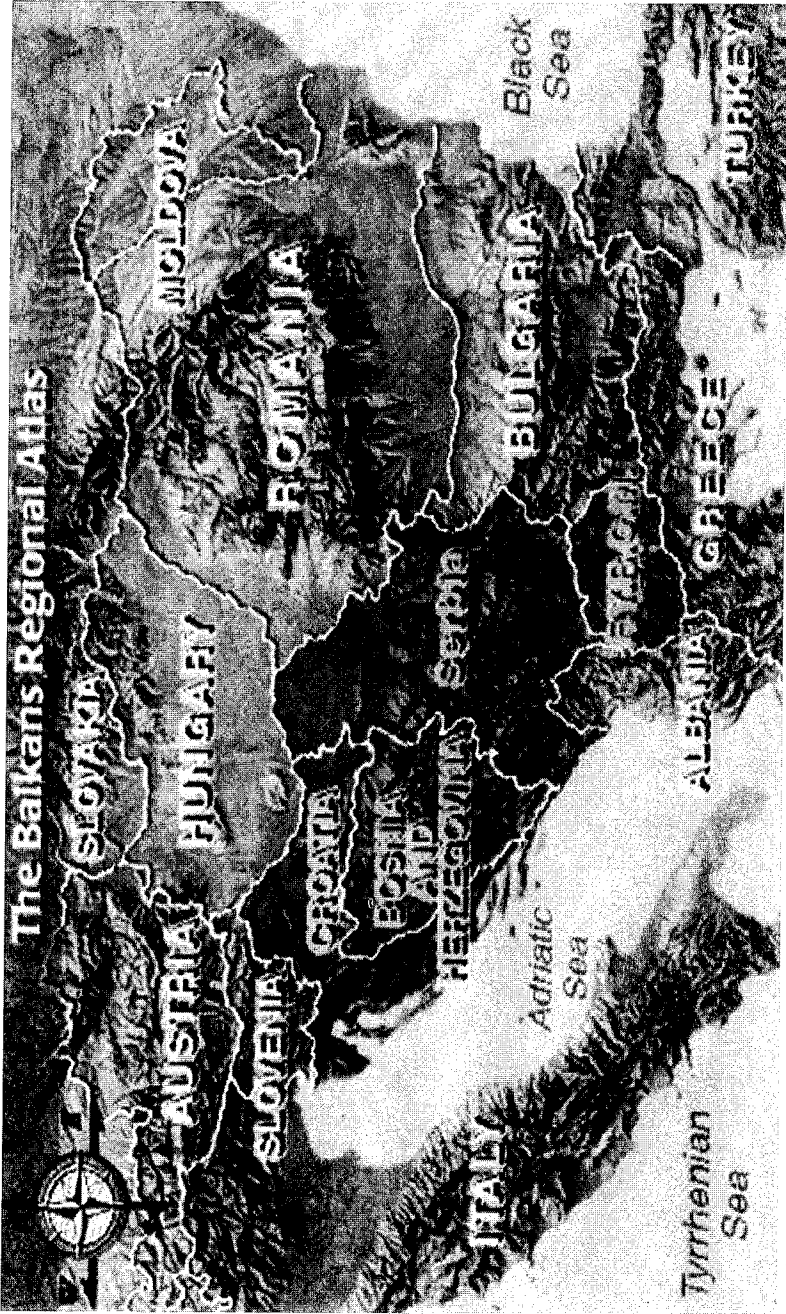
O conjunto de conflitos bélicos desenvolvidos durante o século XX implicou, dentre outros fatores, a modelagem da estrutura econômica vigente, um contexto concebido em cima de controvérsias entre pensamento e ação. As questões do âmbito da defesa estiveram imersas nesse contexto e submetidas a pontos extremamente controvertidos.

Nesta seção, o fio condutor está percorrendo um caminho simplista, em que há duas opções: dobra-se o adversário via poderio do arsenal, ou encaminha-se uma negociação via agenda de resultados incertos.

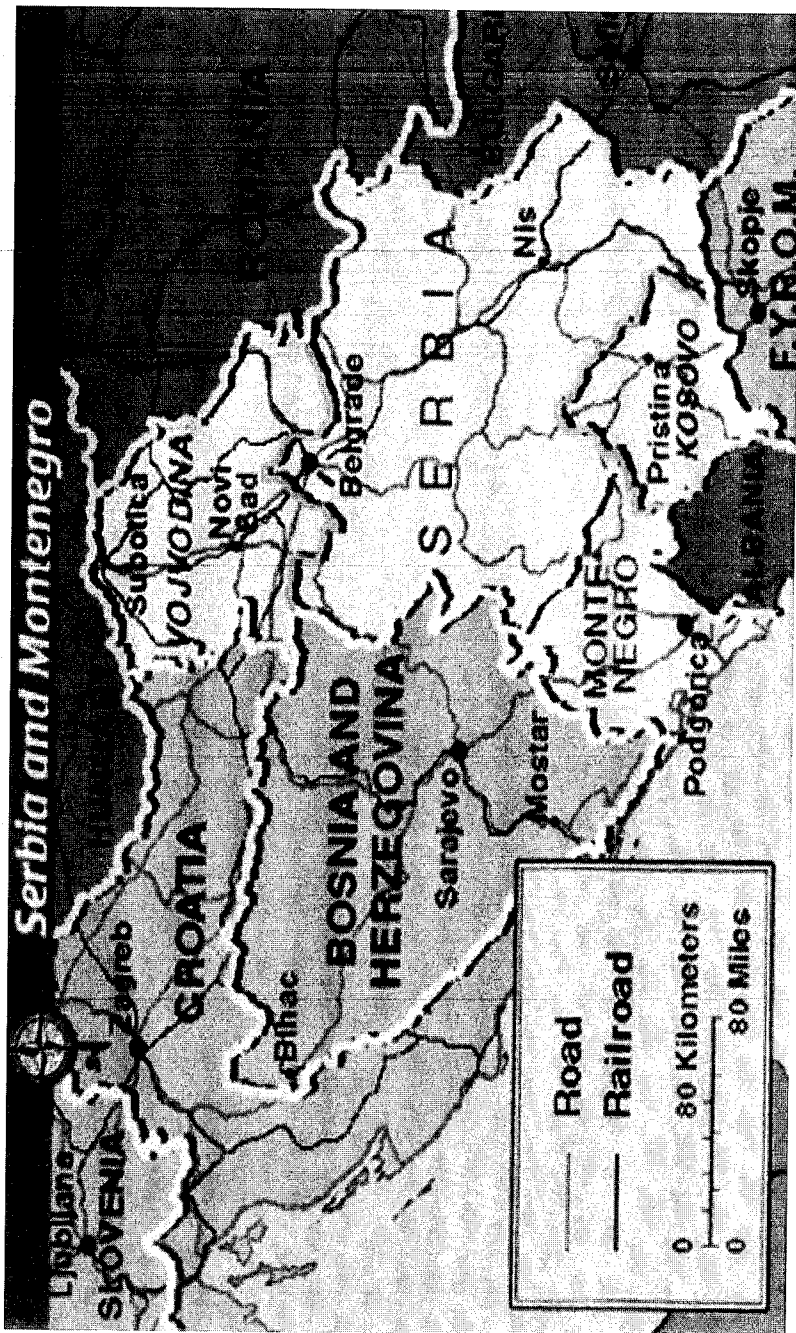
Esse percurso pode ser encontrado em Keynes (1951), quando, ao escrever sobre Winston Churchill, lembrou que o Primeiro-Ministro enfatizava os erros dos militares profissionalizados nas grandes questões de política de defesa, ao passo que destacava os acertos dos políticos profissionais. Segundo Churchill, os erros dos militares decorriam dos pesos atribuídos aos seus argumentos prévios e às suas evidências posteriores.

Analisando-se o mesmo tema — tanques e negociação — na ordem atual, vale recordar que lideranças importantes dos últimos decênios se reuniram, em meados desta década, para avaliar o destino do mundo no período Pós-Guerra Fria. Conhecido como a Cúpula do Século, o encontro dessas personalidades deu-se em Colorado Springs, em 19 de outubro de 1995. O local escolhido, para onde acorreram expressões do porte do norte-americano Bush, do canadense Mulroney, da britânica Thatcher, do francês Mitterrand e do outrora poderoso Gorbachev, foram as instalações do Broodmore Hotel. Na oportunidade, o fiel da balança manteve-se entre o enfoque bélico e a consideração política.

O conteúdo da reunião de cúpula incluiu um debate entre os líderes, do qual se poderia extrair um produto das conversas de Thatcher com Mitterrand, entre a maior expressão conservadora inglesa e a esquerda francesa. A queda do Muro de Berlim foi uma vontade das lideranças, afirmou a outrora poderosa Primeira-Ministra; ao contrário, argumentou Mitterrand, a abertura da porta de Brandemburgo foi o resultado de uma revolução popular e pacífica. Thatcher optou pela posição militar, enquanto Mitterrand seguiu o veio político.



Mapa político da Sérvia



FONTE: <http://www.odci.gov/cia/publications/balkan/serbia1.html>.

Segundo a manifestação de Margareth Thatcher, o fim da Guerra Fria esteve ligado à decisão dos republicanos norte-americanos de continuarem com o projeto Guerra nas Estrelas. Ronald Reagan decidiu pela continuidade do projeto Iniciativa de Defesa Estratégica (IDE), em 28 de março de 1983, e tinha como pressuposto a idéia de que o medo da destruição total conduziria o mundo a um desarmamento. Mitterrand era do parecer de que uma nova relação com a antiga União Soviética não poderia implicar rearmamento, pelo contrário, deveria partir para o desarmamento. Em outras palavras, o argumento francês buscava evitar a discussão em torno de ganhar a guerra nuclear; era indispensável evitar o conflito final.

Independentemente de a tese de Mitterrand ser aprovada nas eleições francesas de 1986, pois Chirac também pensava em implementar uma IDE, a posição do Primeiro-Ministro quanto à nova realidade da antiga URSS datava de um período progressivo, anterior a Gorbatchev, embora ele tenha colaborado para pôr em prática o novo curso da História.

O próprio Gorbatchev discordou de Thatcher, porque ele era do ponto de vista de que a União Soviética dispunha de investigações equivalentes às do Governo norte-americano. Na verdade, a URSS poderia responder à ameaça da IDE à altura. O último mandatário preferiu explicar os acontecimentos pela educação e pela cultura soviética, que rechaçava o sistema a partir da intolerância quanto à ausência de liberdade. Em outras palavras, o totalitarismo havia se esgotado.

Deixando de lado a questão global e caminhando em direção ao caso de Kosovo, também aqui se criou uma polêmica de natureza acadêmica quanto às origens do conflito nos Balcãs, incluindo um retorno aos acontecimentos do século XIV. Dentre as posições inseridas na controvérsia, merece destaque a opinião de Noel Malcolm, um inglês que escreveu uma breve história do Kosovo e que foi motivo de uma réplica por parte de Aleksa Djillas. No centro da discussão, estavam as fronteiras daquela província iugoslava, que nunca teriam sido reconhecidas, segundo a opinião de Djillas. Outro tema em debate — levantado por Hobsbawn — foi o acordo de Rambouillet; aqui, o ponto de discórdia centralizou-se na aceitação ou não de receber cerca de 30 mil soldados aliados em Kosovo.

Um massacre realizado em Racak pelos sérvios foi a causa próxima para que o desencadeamento do conflito bélico se concretizasse. Na ocasião, o Embaixador norte-americano na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), Alexander Vershbow, afirmou que um ataque aéreo era eminente em Kosovo, hipótese que foi contestada prontamente pela representação russa na ONU, pois o Embaixador Sergei Laurov dizia, naquela oportunidade, que os russos não aceitariam o bombardeio prometido pelos aliados.

Os antecedentes da guerra

A guerra dos Balcãs é o resultado de uma sucessão de fatos históricos que não podem ser desconsiderados na oportunidade em que se realiza uma análise da Iugoslávia, uma vez que se trata de uma escalada de eventos que tem um marco histórico em 1339, quando da derrota para os otomanos. O século atual não foge à regra, pois o território esteve sob o reino dos sérvios, dos croatas e dos eslovenos a partir de 1919 e da Iugoslávia desde 1929, tendo se tornado república comunista em 1949. A gestão do Marechal Tito, o responsável pela resistência aos nazistas durante a Segunda Guerra, iria marcar a trajetória política do País até o seu falecimento, ocorrido em 1980. O desaparecimento de Josip Broz Tito deixou o ambiente político instável, e as repúblicas passaram a disputar o controle do território.

Nos anos 70, a região do Kosovo tornou-se autônoma devido a uma concessão da Constituição iugoslava; o quadro reverteu-se no final dos anos 80, quando Slobodan Milosevic, natural de Pozarevac e filiado ao Partido Comunista em 1964, foi eleito em 1989 — reeleito em 1992 — e retirou a autonomia da região. Já na década atual, mais precisamente em 1992, os kosovares optaram pela separação da Iugoslávia, manifestando-se através do voto. Essa posição parece ter sido um indicador importante para perceber a vontade da população kosovar a partir do efeito-demonstração do ano anterior, quando foram declaradas as independências da Bósnia, da Croácia e da Eslovênia; esses fatos incrementaram a ira sérvia e se materializaram nos massacres dos bósnios.

Um acordo de paz foi firmado em 1995, mas os ataques do Exército de Libertação do Kosovo (ELK) aos sérvios levou Milosevic ao revide, com o envio de forças militares para fazerem frente ao ELK. Entre outubro e dezembro de 1998, o ELK partiu para uma trégua com o inimigo, mas logo a interrompeu devido à tensão vigente na região.

Um acordo de paz firmado em Rambouillet, na França, no ano passado, que previa a autonomia de Kosovo, a retirada do exército sérvio e o ingresso de tropas da ONU na província foi aceito pelos albaneses, porém o mesmo comportamento não se deu do lado dos seus oponentes, gerando, a partir de então, um ambiente propício à deflagração de conflitos intensos no sul da Iugoslávia. O início dos ataques aconteceu em 24 de março do corrente ano, quando as forças OTAN partiram para a ativação bélica.

No momento em que o conflito iniciou, a Iugoslávia contava com um PIB de US\$ 24,3 bilhões e uma população de 11.206.309 habitantes, distribuída entre

63% de sérvios, 14% de albaneses, 6% de montenegrinos, 4% de húngaros, tendo os turcos e outros grupos étnicos uma participação de 12% no contingente demográfico nacional.

A ativação dos recursos bélicos

Às vésperas do início do ataque das forças aliadas à Iugoslávia, houve uma última tentativa de negociação com as autoridades sérvias. Os Generais Wesley Clark e Klaus Naumann, comandantes militares da OTAN e da Comissão Militar, respectivamente, foram até Milosevic e procuraram negociar um decreto de expulsão de uma autoridade internacional do território iugoslavo. Tratava-se da presença do Embaixador William Walker, representante da Organização da Segurança e da Cooperação da Europa (OSCE), cuja tarefa consistia em observar os termos do acordo que buscava uma saída negociada para a guerra do Kosovo.

O ódio de Milosevic para com Walker decorria da acusação formulada contra o Governo sérvio atribuindo-lhe a responsabilidade por um massacre levado a efeito em Racak, localizada a uma distância de 25 quilômetros de Pristina. Outro ponto que constava da agenda dos dois militares — Walker e Naumann — com Milosevic era a permissão para que Louise Arbor, uma procuradora do Tribunal Penal Internacional (TPI), fosse a Racak para observar *in loco* o que realmente acontecera nas proximidades de Pristina.

A decisão de iniciar o bombardeio era da alçada do General Wesley Clark; a tarefa de lançar o primeiro míssil era do piloto Mark Thomas. Clark é um general norte-americano que foi herói na guerra contra o Vietnã, esteve na Casa Branca com Nixon e foi conselheiro presidencial de Clinton, para vir a assumir o comando da OTAN; Mark Thomas é um capitão, foi o piloto que comandou a esquadrilha dos B-52 e que recebeu o sinal codificado para iniciar a tarefa.

Um bombardeiro B-52 da aeronáutica norte-americana — identificado como Havoc 12 — lançou o primeiro míssil no território iugoslavo, no dia 24 de março do corrente ano. Uma esquadrilha de seis outros bombardeiros que se encontrava sobrevoando o mar nas proximidades da Itália e que era liderada pelo piloto Thomas, do Havoc 12, utilizou o lançador de bombas pela primeira vez no conflito, e, assim, o primeiro míssil iniciou uma viagem de uma hora e meia até atingir o alvo.

A iniciativa do lançamento do primeiro míssil parecia evidenciar que o caminho buscado pela OTAN nos primeiros dias seria seguido por ataques contra os iugoslavos abaixo do paralelo 44 graus para evitar a criação de corredores

livres. O que a Instituição com sede em Bruxelas buscava no primeiro momento compreendia a redução do poder de fogo da defesa antiaérea sérvia, além de impedir a utilização plena da infra-estrutura disponível na região.

Por detrás do primeiro míssil lançado contra os Balcãs, os aliados contaram com armamentos modernos e sofisticados, produtos de investimentos de porte dos países aliados. Certamente, o destaque maior entre os armamentos disponíveis eram os temíveis bombardeiros B2, invisíveis ao radar do inimigo. Seguiam os F-117, os caças F-18 e os F-16, assim como os bombardeiros A-10, utilizados para abater alvos terrestres.

A ofensiva sérvia

Porém os *fronts* foram se sucedendo. À medida que os Mig 29 iugoslavos sobrevoavam a Bósnia e eram derrubados, já no final do quarto dia do conflito, previa-se uma reação iugoslava ao ataque da OTAN. Mas, em menos de uma semana de guerra, quatro dos 15 Migs iugoslavos de fabricação russa já haviam sido abatidos. A guerra iria conviver, então, com o que ficou conhecido como uma ofensiva global, a reação sérvia ao ataque aliado.

O avanço contra Kosovo por parte das forças sérvias aconteceu em paralelo ao ataque intenso da OTAN no oeste do País. Enquanto contabilizava 250 missões aéreas sem registro de baixas, os aliados divulgavam que a Sérvia deslocava 40 mil soldados para o sul, implicando o ingresso de 300 novos tanques em Kosovo, além de outros veículos e armamentos pesados. A empreitada posta em prática por Milosevic significava que Belgrado não abria mão de defender, com todos os seus recursos, a província que representava o equivalente a 12% da área do seu território e uma população superior a 2 milhões de habitantes.

Até os primeiros dias da guerra, estimava-se que, desde o início da ação do exército de Milosevic, aproximadamente 500 mil albaneses haviam deixado o Kosovo. Com a ofensiva sérvia em curso, a televisão norte-americana CNN colocava no ar e entrevistava o Vice-Premiê Vuk Draskovic, que negava categoricamente a possibilidade de a Iugoslávia pôr em prática uma operação de limpeza étnica contra os kosovares. Porém a expulsão dos albaneses do Kosovo era intensa ao final da primeira semana da guerra. A queima de cidades maiores, como Dobri Do, Pec, Srbica e a própria capital Pristina — que chegou a ter um contingente populacional de cerca de 500 mil habitantes — no centro da província, e de outros centros urbanos, como Brestovac e Dakovic, mais ao sul, arrasou com o setor da habitação e deixou os albaneses com uma única opção, a

fuga para os países vizinhos. Nesse contexto, os sérvios utilizaram trens para transferir albaneses de Pristina para Blance, na Macedônia. A formação de imensas filas em Blance e a impossibilidade de a Macedônia absorver mais refugiados levaram o fluxo para a Albânia e para Montenegro.

Em meados de abril, Milosevic apertou o cerco, e, independentemente da impossibilidade de a Macedônia poder receber refugiados, estima-se que aproximadamente 50 mil albaneses dirigiram-se para aquele país. Em 2 de maio, foram divulgadas estatísticas referentes à chegada à Albânia de 317 mil refugiados apenas na semana de 15 a 22 de abril.

Na ofensiva sérvia, nem as forças da missão de paz foram poupadas. Levados da fronteira da Iugoslávia com a Macedônia para Belgrado, três soldados norte-americanos foram libertados em cerimônia coberta pela televisão sérvia e que contou com a intermediação do Reverendo Jesse Jackson, um político atuante que já foi pré-candidato à Presidência dos Estados Unidos.

O pano de fundo de liberação de prisioneiros de guerra em Belgrado não impediu a manutenção do avanço sérvio. No quadragésimo primeiro dia de guerra, o Alto Comissariado da ONU para os Refugiados divulgou estatísticas que apontavam o abandono da província de 665.520 kosovares: 395 mil para a Albânia, 193 mil para a Macedônia, 62 mil para Montenegro e 15 mil para a Bósnia-Herzegovina.

A guerra chegou ao seu quadragésimo quinto dia, e a ofensiva sérvia se mantinha. À medida que a OTAN atacava a Iugoslávia, os sérvios exterminavam a população do Kosovo. Para quem sempre esteve historicamente frente a opositores — esta era a posição de Milosevic —, a capacidade de suportar as adversidades associada à incapacidade de os aliados vencerem a guerra levou a ofensiva sérvia aos limites de uma ação cruel.

A ofensiva sérvia começava a mostrar sinais de debilidade, quando ao final do segundo mês do conflito foram soltos centenas de kosovares que se retiraram para a Albânia. Mesmo assim, em meados de maio, as informações divulgadas pela OTAN diziam que Milosevic estava enviando mais soldados para a província em litígio. Todavia, ao final de maio, o Premiê russo, Serguei Stepashin, afirmava que Milosevic se encontrava encurralado. Na verdade, a ofensiva sérvia definhava. Finalmente, em 6 de junho, os iugoslavos cederam à pressão aliada e começaram a debater a retirada das suas tropas da província do Kosovo.

O desenvolvimento do conflito

Iniciada a ativação bélica que compreendeu a fase inicial da estratégia da OTAN, os militares aliados desencadearam a segunda etapa do ataque, que implicou buscar o confronto com os sérvios. Na oportunidade, além dos *nightwalker*, os caça-bombardeiros produzidos pela Lockheed Martin e que carregam 908 quilogramas de bombas, passaram a atuar na região os aviões A-10, que voam baixo e que contam com poder de fogo para abater tanques e surpreender a defesa antiaérea da Iugoslávia.

O primeiro resultado adverso para os aliados surgiu com a informação da queda de um avião F117A, um caça-bombardeiro orçado em US\$ 45 milhões, cuja virtude consiste em confundir radares e mísseis inimigos. Ele foi abatido em Budjanovci e, surpreendentemente, foi resgatado em uma iniciativa aliada que foi realizada a uma distância de apenas 40 quilômetros de Belgrado. O segundo revés para a OTAN aconteceu com a prisão de três soldados norte-americanos que serviam em missão de paz da Organização do Tratado do Atlântico Norte. Os três militares mostrados pela Tanjug, a agência de notícias local, foram submetidos a agressões, conforme se constatava na imagem da televisão. Em contrapartida, ao final da primeira semana da guerra, os sérvios contabilizaram duas mil vítimas dos ataques aliados, das quais em torno de duas centenas representavam vítimas fatais.

No final da segunda semana de guerra, Belgrado foi finalmente atingida, com prejuízos registrados na área em que se encontra localizado o Ministério do Interior. A terceira semana de guerra começou com pressão sobre a necessidade de os norte-americanos deslocarem forças terrestres para a Iugoslávia. Na ocasião, os Estados Unidos enviaram para a Albânia os Apaches, helicópteros que andam à velocidade de cruzeiro de 294km/h e que dispõem de metralhadora, de foguetes e de mísseis, armamentos adequados ao conflito com os iugoslavos, caso houvesse proteção para o desenvolvimento das suas atividades. As dificuldades em invadir o Kosovo estavam associadas à presença de três centenas de tanques sérvios, além da dispersão de soldados inimigos em grande parte dos povoados e de outros tantos dispostos em locais protegidos por acidentes de relevo, sem considerar a grande quantidade de minas distribuídas por toda a província. Na quarta semana, discutia-se em torno de quem estava vencendo o conflito, porque Milosevic continuava em plena ofensiva, atacando sistematicamente os adversários e reduzindo a participação albanesa no equilíbrio demográfico, ao mesmo tempo em que os aliados concentravam o bombardeio em instalações militares e na infra-estrutura do território iugoslavo. Ao final do primeiro mês de guerra, paralelamente ao reconhecimento de que eram ne-

cessários 300 novos aviões para os aliados manterem o ataque cerrado, o tema que entrou em debate foi a necessidade de contar com uma ofensiva terrestre, porque os ataques aéreos não eram suficientes para atingir a vitória.

O segundo mês de guerra começou com a acusação sérvia de que as forças da OTAN haviam atingido alvos civis: o local do evento estava localizado entre Djakovica e Prizren, no sul do Kosovo. Mas o relato vindo de Bruxelas informava apenas de ataques à estrada que ligava Belgrado a Bar e à hidrelétrica situada em Nova Varos, nas proximidades da Bósnia e de Montenegro. Logo em seguida, porém, a OTAN reconheceu o erro cometido, atribuindo-o à má interpretação de um piloto que vira localidades sob fogo intenso e nas proximidades do local e que julgara tratar-se de ação sérvia.

Na reunião de avaliação do desenvolvimento do conflito, levada a efeito em Washington, em 23 de abril, Tony Blair praticamente se posicionou favoravelmente ao envio de tropas terrestres aos Balcãs ao afirmar que se ninguém se opuser ao ditador no momento, mais tarde a tarefa será maior e de maior custo. Uma opção bastante plausível entre os países aliados dizia respeito ao embargo de petróleo, pois o País produzia cerca de um terço do nível do seu consumo diário — 18 mil barris de petróleo contra a necessidade de consumir 50 mil barris de petróleo por dia. Ainda durante a sua estada na América do Norte, Blair participou de uma reunião do Chicago Economic Club, onde propôs uma doutrina da comunidade internacional em que o princípio da não-interferência exigia alguma flexibilização quando ocorrem casos como o do genocídio. Entre as diversas iniciativas propostas por Blair, estavam algumas que diziam respeito ao livre comércio, às finanças internacionais, ao papel da ONU, à dívida do Terceiro Mundo e à questão do meio ambiente, além de alterações na própria OTAN.

Enquanto os aliados debatiam em Washington, os sérvios os acusavam de cometerem erros mesmo usando armas inteligentes. Entre 6 e 29 de abril, os aliados atingiram um bairro em Aleksinac, outro em Pristina, um trem que rumava para a Grécia e um comboio de refugiados, implicando dezenas de mortes. Os jornais do final de abril mostravam com letras garrafais que a OTAN cometia novos erros, que vieram a matar 11 crianças, uma falha de pontaria de pilotos que utilizam tecnologia de bombas guiadas por *laser* e que resultou em escombros da rua Zmaj Jove Jovanovica, em Belgrado.

A operação desenvolvida pelo piloto no lançamento de bombas guiadas por *laser* dá-se em três tempos: no primeiro, ele detecta a imagem e registra o alvo no monitor através de um designador *laser*, depois, à medida que o avião se afasta do local para não ser atingido, o designador joga um feixe de *laser* sobre a meta, que produz um reflexo que é assinalado por um sensor que direciona a

bomba às coordenadas identificadas no primeiro momento, e, por fim, o explosivo é remetido ao alvo. Para o sucesso da operação, é fundamental que o céu esteja descoberto, porque as nuvens, por exemplo, bloqueiam a ação do reflexo do *laser*.

Paralelamente à ação do designador *laser* nos bombardeios, os aliados utilizaram um instrumento secreto, até então inédito em suas estratégias, com o objetivo de causar blecaute no País. Uma bomba lançada sobre um centro de transmissão de eletricidade era acionada em dado momento, formando uma nuvem de grafite que transformava o ambiente em torno do alvo em condutor de eletricidade e que resultava em curto circuito nos sistemas existentes.

A diferença de tecnologias utilizadas por sérvios e aliados era tão evidente que o Primeiro-Ministro Vuk Draskovic, membro do Movimento de Renovação Sérvio, foi destituído por Milosevic, ao afirmar que o Presidente deveria reconhecer a impossibilidade de derrotar a OTAN e permitir que tropas de paz penetrassem no Kosovo.

Foi somente em 5 de maio, ou seja, no quadragésimo terceiro dia de guerra, que a OTAN registrou as suas primeiras baixas, e, assim mesmo, a perda de duas vidas ocorreu em um programa de treinamento com um helicóptero Apache, realizado na Albânia.

Tendo em vista as dificuldades encontradas na formulação de proposta de paz, a guerra intensificava-se. Em 20 de maio, a imprensa divulgou uma nota da OTAN, em que ela admitia que ainda se encontravam intactos 70% dos tanques e da artilharia do Terceiro Exército, a quem cabia a defesa de Kosovo. Paralelamente, os erros cometidos pelos aliados acumulavam-se: às vésperas de se completarem dois meses do início da guerra, a OTAN lamentava o fato de um míssil ter atingido um hospital em Belgrado e de um bombardeio ter arrasado um presídio em Kosovo.

O cenário ainda estava indefinido quanto à extensão da guerra no final do mês de maio, quando a OTAN realizou, em um só dia, um número recorde de 800 incursões contra o território inimigo. No dia 31 de maio, Milosevic admitiu, pela primeira vez, a presença da OTAN em Kosovo; em primeiro de junho, Clinton condicionou o final dos bombardeios à aceitação das condições propostas pelos aliados aos sérvios. O conflito chegou ao fim com a consagração do poderio aéreo, contrariando as previsões que trabalhavam com a hipótese da utilização da força terrestre para definir de vez a vitória aliada. Tema controvertido — o poderio aéreo — desde a operação Linebacker, em 1972, na guerra do Vietnã, continuou a ocupar a atenção de especialistas durante a guerra do Golfo Pérsico, em 1991, prosseguiu na guerra da Bósnia, em 1994, e atingiu o seu apogeu nesta guerra do Kosovo.

Em 5 de junho, na Macedônia, houve o primeiro encontro entre os militares de ambos os lados. O local do evento foi o Café Europa 93, em Blace, oportunidade em que os representantes da OTAN apresentaram as condições que deveriam ser observadas pelas forças inimigas ao abandonarem o Kosovo.

O custo da guerra

Independentemente de todas as vidas perdidas, do futuro destruído e das esperanças frustradas que a guerra impõe, há um custo específico em forma de armamentos, de equipamentos, de infra-estrutura arrasada, de deslocamentos de homens e de armas e de transporte de refugiados, dentre outros valores que podem ser quantificados em um evento dessa natureza. Por exemplo, o custo da guerra do Iraque para os Estados Unidos foi estimado em US\$ 61 bilhões.

A revista **Newsweek**, em sua edição de 14 de junho do corrente ano, produziu uma matéria especial sobre o custo do Kosovo. Uma constatação de Zakaria (1999) é que a vitória aliada foi a parte mais fácil do conflito e que a dificuldade começaria com a reconstrução do Kosovo e com a administração da província sérvia; essa afirmação é preocupante à medida que, no começo do conflito, os aliados faziam, em média, 250 vôos sobre a Iugoslávia e que, em junho, esse número havia mais do que duplicado. Quanto teriam custado os ataques da OTAN? Balls (1999) afirma que, segundo estimativa do banco Lehman Brothers, um mês de bombardeio implicou um custo em torno de US\$ 3 bilhões, que resulta de uma conta de US\$ 900 milhões em mísseis cruise, de US\$ 500 milhões em missões aéreas, de US\$ 700 milhões em aviões abatidos e de US\$ 800 milhões para manutenção de soldados. O mesmo Balls, todavia, destaca que outra estimativa, com base em analistas militares, eleva o valor de US\$ 9 bilhões em três meses, calculado pelo banco, para um valor maior, algo próximo a US\$ 20 bilhões. Não se pode deixar de lado a manutenção dos refugiados, cujo orçamento estimado pela ONU projeta outros US\$ 240 milhões para 650 mil pessoas durante os mesmos três meses.

Havia 1.800 mil habitantes de origem albanesa no Kosovo que terão extremas dificuldades em retornar devido à destruição causada pela ofensiva sérvia: desse total, 443 mil refugiados foram para a Albânia, 247 mil refugiaram-se na Macedônia, 69 mil seguiram para Montenegro e 21 mil deslocaram-se para a Bósnia-Herzegovina.

Segundo a revista **Newsweek**, há estimativas preliminares quanto aos danos causados por país. Em primeiro lugar, a Sérvia necessitaria de US\$ 50 bilhões a US\$ 150 bilhões para a reconstrução nacional que levaria anos, quem

sabe décadas. Além de 10 mil soldados atingidos, na guerra perderam-se três refinarias, as principais estradas e ferrovias, 35 pontes, 10 aeroportos, vários edifícios do governo, além de o País ter ficado extremamente carente no setor de energia. A Sérvia contabilizou a perda de uma centena de aviões e seis centenas de unidades entre tanques, veículos militares e equipamentos de artilharia. Em segundo lugar, excluindo-se o Kosovo e a Sérvia da região, os Balcãs precisarão de um montante aproximado de US\$ 2 bilhões para o financiamento das necessidades locais. A Albânia e a Macedônia, que receberam o maior contingente de refugiados, tiveram elevados custos com a guerra; a Macedônia sofreu impacto no comércio e nos transportes com a Iugoslávia, e a recuperação da sua economia deve implicar um custo de US\$ 500 milhões, enquanto a Albânia, que já vem recebendo um fluxo de recursos para se adequar à nova realidade regional, necessitará de outros US\$ 500 milhões. Os demais países, a Bósnia-Herzegovina, a Bulgária, a Croácia e a Romênia, deverão receber US\$ 135 milhões, US\$ 350 milhões, US\$ 500 milhões e US\$ 250 milhões respectivamente. Por último, a província do Kosovo precisará de um recomeço, que foi estimado em US\$ 30 bilhões pela União Européia. Segundo Elliot (1999), a guerra teria sido planejada para durar apenas três dias, porém, ao final da décima semana, 1.200 aviões haviam sobrevoado a região e jogado 20 mil bombas e foguetes.

No final da guerra, novas informações fluíram para a mídia internacional, contendo estimativas dos custos aliados na guerra em curso. Em comparação com guerras anteriores, ou, mais precisamente, em comparação à guerra do Golfo, o conflito dos Balcãs representou um custo diário menor: lá os Estados Unidos gastaram, em média, US\$ 350 milhões por dia, durante 39 dias e com mais outros quatro dias atribuídos à invasão terrestre, enquanto cá o custo diário era de US\$ 67 milhões até o 67º dia do embate. Essas estimativas foram divulgadas pelo jornal **Folha de São Paulo**, em 9 de junho de 1999, e a fonte citada era do perito em defesa Paul Beaver.

Os impasses na busca da paz

A participação da ONU nessa ocasião era fundamental, porque havia o risco de o conflito se propagar pela Europa, tendo em vista que os países vizinhos tinham interesses afins aos países beligerantes. Segundo o Economista Spyros Economides, em entrevista ao jornal **A Folha de São Paulo**, a manutenção da federação foi possível por algum tempo devido ao carisma do Marechal Tito; a ausência do mesmo abriu espaço para os sérvios buscarem o controle da região, algo que os fatos evidenciaram que era inexequível.

A posição brasileira com relação aos Balcãs pode ser captada através do pronunciamento do Ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, que incluiu o País no conjunto dos chanceleres do Grupo do Rio e que lembrou que a ativação militar iniciou sem o consentimento do Conselho de Segurança da ONU. O Brasil lamentou o ataque que foi desencadeado sem a manifestação do Conselho de Segurança da ONU, porque os membros do conselho estavam divididos: a França, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha eram a favor, enquanto a China e a Rússia eram contra o ativação militar.

Na verdade, a manifestação do Conselho de Segurança da ONU aconteceu no dia 27 de março, à medida que foi rejeitada a moção russa de suspender o ataque contra os Balcãs. Nem mesmo o Brasil acompanhou os russos na busca de nove dos 15 votos necessários à tomada da decisão, pois somente a Namíbia e a China seguiram a proposta que pregava a negociação.

De outra parte, os russos procuraram assumir a posição de intermediários entre as partes. A tarefa de articular as negociações com Milosevic coube a Ievgueni Primakov, o Primeiro-Ministro russo, que manteve contato, de um lado, com os sérvios e, de outro, com os alemães. Embora o líder sérvio concordasse em diminuir o seu exército em Kosovo para viabilizar a volta dos refugiados, Milosevic exigia que os militares aliados sediados na Macedônia abandonassem a região, além de terminarem com o apoio ao Exército de Libertação do Kosovo. A proposta foi considerada inaceitável por Gerhard Schroeder, o Chanceler alemão, porque era o genocídio que estava em consideração e não a campanha de Milosevic em si.

Embora as negociações não mostrassem qualquer possibilidade de evolução, a mídia divulgou o encontro do Presidente sérvio com Ibrahim Rugova, a expressão maior dos kosovares. Sob pressão iugoslava — o líder albanês encontrava-se desaparecido desde o início da guerra —, a televisão local mostrou Rugova firmando um termo em que identificou a saída política como caminho para a solução da crise. Ao mesmo tempo, a posição oposta era debatida em Washington, porque os senadores dos Partidos Republicano e Democrata passaram a exigir que Clinton utilizasse força terrestre para dar um fim ao conflito. Entre ambos, Milosevic e os senadores dos Estados Unidos, encontrava-se o princípio da condição consentida — uma autorização da OTAN para que suas forças atuassem na hipótese de um ataque sérvio —; porém, na concepção da Secretária de Estado Madelaine Albright, o diagnóstico da situação evidenciava que a redução da potência de fogo sérvio poderia viabilizar o uso da força da OTAN em outra alternativa, a de dar proteção à volta dos refugiados a Kosovo.

Além de não aceitar a proposta de negociação de Milosevic, na qual houve pressão sobre Rugova, os aliados passaram a exigir aceitação incondicional

dos pontos de vista defendidos pelo Ocidente e partiram para um intenso bombardeio à Sérvia. Mesmo sob ataque cerrado, Milosevic declarou unilateralmente um cessar fogo, no dia 6 de abril, às 20 horas de Belgrado.

Uma semana depois, em 15 de abril, os europeus e o Secretário Geral da ONU acordaram em torno de uma proposta alemã para a paz, que consistia na trégua de um dia, na retirada dos sérvios do Kosovo, no desarme do ELK e no retorno dos albaneses à província sob supervisão das forças da ONU. Embora os russos tenham acompanhado Joschka Fischer, Ministro das Relações Exteriores da Alemanha, a divergência foi imediata por parte dos Estados Unidos, que exigia a retirada imediata do exército inimigo e também de Milosevic, que só aceitava a presença de pessoas desarmadas no Kosovo e que não concordava com a participação de nenhum representante dos 19 países da aliança.

Pensar nos Balcãs pós-guerra implica lembrar a opinião de Sontag (1999), que indagou de como se reconstrói a união na Europa a partir da ruptura entre os povos ortodoxos e os demais? Que alcance e que restrição a fé carrega na tarefa da união do continente? É preciso rever a tradição, conclui Sontag, porque a reconstrução de uma economia democrática não pode ser concebida de forma que não seja acompanhada por uma subjetividade livre.

À medida que, de um lado, o conflito avançava e, de outro, se discutiam temas inter-relacionados com a fase pós-guerra, também o Grupo de contato da OTAN — Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido, Rússia e Itália — avançava na discussão de propostas para a divisão da província. Segundo Farah (1999), em matéria divulgada na revista italiana **Limes**, citada na **Folha de São Paulo**, em fevereiro, Kosovo seria dividida em quatro áreas, o norte ficaria com a França, o leste com os Estados Unidos — Pristina ficaria com o Reino Unido —, o sul com a Itália e o oeste com a Alemanha; posteriormente, em março, houve uma inversão nas áreas correspondentes à França, que ficaria com o norte, e à Alemanha, que receberia o oeste. No mês de maio, teria surgido uma terceira proposta, com a subdivisão da área que ficava sob a coordenação norte-americana, permanecendo, nessa ocasião, o norte com a Itália, o nordeste com o Reino Unido, Canadá e Noruega, o leste com os Estados Unidos, o sul com a Alemanha e a Grécia e o oeste com a França, a Dinamarca e a Turquia.

A essa altura dos acontecimentos, o Secretário Geral da OTAN, Javier Solana, rejeitava a possibilidade de a organização assumir as funções de polícia e trabalhava com duas hipóteses: ou tinha acesso à Iugoslávia com as forças de paz da ONU, ou buscava atingir o seu objetivo com as forças de combate dos aliados. A possibilidade de a primeira hipótese concretizar-se surgiu com o envio de uma carta de Milosevic a Clinton na ocasião em que três prisioneiros de guerra dos Estados Unidos foram liberados em Belgrado. Jesse

Jackson, o pastor norte-americano, teria sido o intermediário da carta do líder sérvio, porém o Presidente Clinton não contemporizou, evitando qualquer encontro com o inimigo.

Foi somente no quadragésimo-quarto dia de guerra nos Balcãs que, excluída a China, a Rússia se uniu ao Grupo dos Oito para formularem, em conjunto, um plano de paz para a região. Observado o acordo de Rambouillet, a proposta incluía a suspensão da violência, o afastamento das partes beligerantes do Kosovo — incluindo o desarmamento do ELK — e a substituição por forças da ONU, a adoção de uma gerência interina, a volta dos refugiados, a institucionalização de uma administração interina e a articulação da região com o G-8 para fins de retomar a atividade econômica da província. As limitações da proposta correram por conta da necessidade de que a Iugoslávia aceitasse o plano, de que houvesse participação chinesa na negociação e de que se definisse a estrutura das forças de segurança da OTAN para atuação na área do conflito.

Embora os aliados persistissem nos ataques aéreos, criou-se um impasse na estratégia da OTAN, pois a não-rendição de Milosevic mantinha espaço para que os sérvios prosseguissem sua ação de extermínio kosovar. Entretanto, em 19 de maio, Milosevic admitiu a possibilidade do diálogo com o inimigo, sem que o fato de ver-se obrigado a ir à mesa de negociação viesse a ferir a soberania nacional. Na verdade, a situação tornava-se restritiva para o outrora homem forte dos Balcãs: as manifestações da oposição em Krusevac e em Aleksandrovac, lideradas pelo Partido Democrático, cresceram em importância, as famílias exigiam a volta dos familiares e começaram a haver deserções no exército sérvio.

O anúncio do indiciamento de Milosevic por crimes de guerra, realizado pelo Tribunal Internacional de Haia, colocou uma pá de cal em qualquer possibilidade de negociação de paz nos Balcãs. Naquele momento, a dificuldade foi transferida para a implementação do mandato de prisão. Quem o faria? Apenas a pressão da continuidade dos ataques a Belgrado e a pontos estratégicos do País levariam Milosevic a ceder. No início de junho, não mais pela negociação, mas pela pressão das armas, o conflito chegou ao fim.

O retorno à paz

De volta ao Café Europa 93, aliados e iugoslavos levaram adiante a reunião que dava o ponto de partida para a viabilização do retorno à paz nos Balcãs. O século que havia começado com a expectativa de que fosse uma era de esperança se tornara um período de guerras sucessivas a partir do conflito russo-japonês, do distante ano de 1904, e jamais sofrera solução de continuidade. Vieram

a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Grande Guerra, as guerras da Coréia, da Baía de Porcos, do Vietnã, do Afeganistão, do Golfo, da Bósnia e dos Balcãs, cercadas e acompanhadas por 70 outros conflitos bélicos apenas nas últimas décadas.

Na Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos vitoriosos obtiveram êxito e retiraram-se, mantendo-se no isolacionismo; na Segunda Guerra Mundial, o procedimento norte-americano foi diferente, venceu e ficou, dando a trajetória ao contorno bélico secular. Nesse sentido, os Balcãs representaram uma opção pelas armas, dando as costas à negociação. O que aconteceu em Belgrado deixou a imagem de que os fatos registraram a presença de um elo militar para o século XXI, como se estivesse antecipando o esboço de uma guerra do futuro.

Transcorria o dia 5 de maio, e, tendo à frente da delegação da OTAN o General inglês Michael Jackson, começou-se a pôr em prática o plano arquitetado pelo G-8 e devidamente aceito por Milosevic. Na agenda do evento, os prazos para a retirada iugoslava, as rotas a serem seguidas e, principalmente, a segurança de não ser atacado, visto que o bombardeio aliado prosseguia, embora com menor intensidade desde o dia 3, ocasião em que Milosevic se manifestara favoravelmente à implementação dos termos do acordo.

Quanto ao mérito do que ficou acordado, não há unidade de pensamento em torno do caminho dos vencedores e derrotados. Por exemplo, Pompeu (1999) destaca o hiato entre o que o G-8 propôs e os termos do acordo de Rambouillet. Aquele autor questiona objetivamente se a capitulação de Milosevic se deu conforme o acordado em Rambouillet. E, também, indaga se Milosevic perdeu o poder na Sérvia ou, ainda, se o ELK ganhou algo ao final do embate. Realmente, são questões que merecem reflexão e que devem merecer a atenção dos analistas internacionais no desenrolar dos fatos nos próximos meses.

Mas é preciso voltar à Iugoslávia, retornar a Kosovo. A força internacional KFOR Plus, comandada pelo General inglês Michael Jackson, foi estruturada em cima da participação de 50 mil soldados provenientes dos países-membros da OTAN, da Rússia e de alguns países neutros; a maior parcela do contingente teve origem no Reino Unido, na Rússia, nos Estados Unidos, na França e na Alemanha, que, em conjunto, colocaram à disposição da OTAN um total de 43 mil homens. A agenda da KFOR Plus, nos primeiros dias de junho, estava concentrada na divisão geográfica dos agrupamentos militares no Kosovo, nas condições para o emprego das armas por parte da força internacional e no desmonte de minas, que contaria com a participação dos sérvios.

As primeiras reuniões entre os sérvios e os aliados foram intermináveis e com impasses de toda ordem. Belgrado queria maior tempo para a retirada do Kosovo e almejava que houvesse uma colagem do acordo do G-8 com as pressões do Conselho de Segurança da ONU. Os bombardeios em Belgrado foram interrompidos, mas Pastrok, na fronteira da Albânia com o Kosovo, ainda continuava sob fogo cerrado, visando deixar os sérvios pressionados a retirarem o exército da província. Nessa ocasião, foram utilizadas bombas de fragmentação que objetivavam manter um raio de 200 metros sob ataque intenso, pois cada um dos projéteis carregava consigo outras duas centenas de pequenas bombas que propagam um efeito devastador sobre o inimigo.

As reuniões entre as partes prosseguiram: de um lado, os norte-americanos procuravam acelerar o andamento do processo; de outro, os sérvios freavam o que podiam na busca de novas condições que amenizassem as suas perdas. Porém, em 9 de junho, os Estados Unidos reconheceram que a Iugoslávia estava pondo em curso a retirada. No mesmo dia, os sérvios assinaram o acordo, e, ao fim de 78 dias de guerra, os Balcãs voltaram a conviver com a paz.

O cenário à frente é totalmente incerto e impreciso. As diferenças seculares entre as partes aprofundaram-se, e o antagonismo enraizou-se ainda mais. Internamente, Milosevic não deixou de comemorar uma vitória moral, enquanto os seus opositores almejavam reformas e o próprio fim da sua gestão; externamente, os aliados julgavam-se vencedores, embora soubessem que as dificuldades em levar adiante o processo de paz e a retomada da atividade econômica regional eram desafios maiores do que a manutenção da própria guerra.

Findo o conflito, chegou a hora de serem discutidas as reparações de guerra e tantas outras questões pertinentes. Em ocasiões como esta, quem sabe não seja o momento para uma releitura de **As Conseqüências Econômicas da Paz** que John Maynard Keynes deixou como um legado em 1919?

Bibliografia

ALEMANHA lança proposta de trégua (1999). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 abr., p.A-12.

ALIADOS já não sabem como vencer a guerra (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 maio, p.19.

- ALIANZA quiere “gestos concretos” de Milosevic, La (1999). [on line] Disponível na Internet via <http://www.clarin.com/diario/hoy/i-02701d.htm>. Arquivo capturado em 31 de maio.
- ATAQUE aéreo não evita luta em Kosovo (1999a). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 mar., p.9.
- ATAQUE da Otan pode Ter matado centenas (1999b). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 jun., p.9.
- BALKANS war seen no great economic burden to Europe (1999). [on line] Disponível na Internet via <http://biz.yahoo.com>. Arquivo capturado em 5 jul.
- BALLS, Andrew (1999). Ataques da Otan são orçados em US\$ 3 bi ao mês. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 9 abr., p.A-11.
- BELGRADO prepara retirada, dizem EUA (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 jun., p.12.
- BLAIR convoca sérvios a derrubar Milosevic (1999a). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 maio, p.16.
- BLAIR propões nova doutrina de intervenção militar (1999b). **Gazeta Mercantil**, 23 abr., p.A-19.
- BOMBAS massacram 61 refugiados (1999). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 abr., p.A-7.
- CIBERGUERRA, el nuevo método en la guerra de los balcanes, La (1999). [on line] Disponível na Internet via <http://www.cnnspanol.com/tec/1999/05/24/balcanes/index.html>. Arquivo capturado em 24 maio.
- CLINTON rejeita encontro com Milosevic (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 maio, p.11.
- COHEN encarga concienzudo estudio sobre los bombardeos contra Yugoslavia (1999). [on line] Disponível na Internet via <http://www.cnnspanol.com/eeuu/canada/1999/07/08/defensa/index.html>. Arquivo capturado em 8 de jul.
- CONFLITO pode tomar Bálcãs, diz estudioso (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 mar., p.22.
- CONHEÇA o comandante da OTAN (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 mar., p.10.

- COSTS of Kosovo, The (1999). **Newsweek**, Special Report. New York, 14 Jun.
- DOIS inimigos públicos números 1, Os (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, p.20, 23 maio.
- ELK, brazo armado del separatismo albanés, El (1999). [on line] Disponível na Internet via <http://www.cnnspanol.com/mundo/europa/1999/02/25/kosovo/indexf.html>. Arquivo capturado em 26 de mar.
- ELLIOT, Michael (1999). Getting to the Diplomat's table. **Newsweek**, New York, p.14-15, 14 jun.
- FARAH, Paulo D. (1999). Otan teria planejado divisão da província. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 maio, p.20.
- G-8 adopta un plan de paz para Kosovo, El (1999). [on line] Disponível na Internet via <http://cnnspanol.com/mundo/europa/1999/05/06g8/index.html>. Arquivo capturado em 5 jul.
- HEDGES, Chris (1999). Os senhores do Kosovo? (1999). **Gazeta Mercantil**, Foreign Affairs GM, n. 32, maio. p.A-20.
- IUGOSLÁVIA acusa OTAN de matar 75 refugiados (1999b). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 abr., p.A-7.
- IUGOSLÁVIA solta centenas de kosovares (1999a). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 maio, p.9.
- KEYNES, John M. (1951). **Essays in Bibliography**. New York : The Norton Library.
- KOSOVO: La mate porque era mía (1999). [on line] Disponível na Internet via <http://www.clarin.com/suplementos/zona/99-05-09/i-01201e.htm>. Arquivo capturado em 14 de maio.
- LAPOUGES, Gilles (1999). Otan está pronta para atacar a Iugoslávia. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 20 jan., p.A13.
- LIBERTAÇÃO de soldados não para ação da OTAN (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 maio, p.12.
- MAIOCCHI, Roberto (1996). **A era atômica**. São Paulo : Ática. 160p.
- MESSY war, messy peace (1999). **The Economist**, London, 12 Jun.
- MILITARES europeus catalogam erros cometidos pela OTAN (1999). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 abr., p.A-19.

- MILOSEVIC é indiciado por crimes de guerra (1999). **Gazeta Mercantil**, 27 maio, p.A-12.
- NOS BALCÃS, a história vira arma política (1999). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 14 mar., p.27.
- NOVO erro da OTAN mata 11 crianças (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 abr., p.15.
- OFENSIVA da Otan é vitória do poderio aéreo (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 jun., p.20.
- OTAN erra, atinge hospital e mata (1999a). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 maio, p.12.
- OTAN lamenta ataque acidental a civis em Kosovo (1999e). **Gazeta Mercantil**, 18 abr., p.A-20.
- OTAN lança exigência para saída iugoslava (1999c). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 jun., p.18.
- OTAN mata 19 em presídio em Kosovo (1999b). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 maio, p.12.
- OTAN prepara suspensão de bombardeios (1999d). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 jun., p.15.
- OTAN reúne-se para avaliar ação na Iugoslávia (1999f). **Gazeta Mercantil**, 23 abr., p.A-18.
- PAÍS sempre resistiu aos opositores (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 maio, p.22.
- POMPEU, Renato (1999). Guerra acaba onde começou. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 jun., p.20.
- POTÊNCIAS entregam mais um ultimato a Milosevic (1999). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 22 fev., p.6.
- REPÓRTER relata disparo do primeiro míssil (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 mar., p.11.
- RÚSSIA e EUA propõe plano de paz a Milosevic (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 7 maio, p.15.
- SÉRVIA terá de aceitar termos da OTAN, diz Clinton (1999). **Gazeta Mercantil**, 1 jun., p.A-12.

- SOLDADOS Iugoslavos desertam, diz TV (1999). **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 maio, p.12.
- SONTAG, Susan (1999). Kosovo, Europa. **Folha de São Paulo**, Mais! São Paulo, 2 maio, p.6.
- TROPAS serbias se retiram de Kosovo, el ELK toma el control en las ciudades Las (1999). [on line] Disponível na Internet via <http://www.cnnspanol.com/mundo/europa/1999/06/15/elk/>. Arquivo capturado em 15 de jun.
- ULTIMATO a Milosevic vence hoje (1999). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 fev., p.5.
- YUGOSLAVIA-group-postponement Bonn (1999). [on line] Disponível na Internet Arquivo capturado em 5 jul.
- ZAKARIA, Fareed (1999). What price victory, **Newsweek**, New York, p.10, 14, jun.